

CAPÍTULO XXVII

ENTRE ÁGUAS, MEMÓRIAS E ENCANTAMENTOS: A LENDA DO RIO DO PADRE

Amanda Caline da Silva Omar¹
Karla Fabiana Queiroz de Souza²

¹Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado – João Pessoa, Paraíba, Brasil; amanda.csomar@professor.joaopessoa.pb.gov.br

²Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado – João Pessoa, Paraíba, Brasil; karla.fqsouza@professor.joaopessoa.pb.gov.br

Águas que contam, territórios que ensinam

A Escola Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado atravessa, desde 2023, um longo processo de reforma estrutural. Nesse contexto, o cotidiano escolar precisou ser reinventado. As aulas migraram, em parte, para o ambiente virtual, enquanto os encontros presenciais passaram a acontecer em regime de rodízio: uma semana na escola e duas em casa. Diante das instabilidades causadas pela reforma, surgiu a necessidade de manter o vínculo com o território.

Foi nesse cenário de suspensão e reinvenção que surgiu o desejo de reentrar no chão do Quilombo Paratibe. Não como retorno à normalidade, mas como um reencontro com aquilo que nunca deixou de ensinar: o território como educador. Visto que antes da reforma o território da Comunidade Quilombola de Paratibe sempre esteve aberto às atividades escolares.

Escolhemos o 6º ano B como grupo para esse movimento, não por acaso. Em meio às limitações de uma escola parcialmente fechada, esse grupo já havia desenvolvido atividades no território do quilombo com a professora regente da turma. Além disso, em sala de aula, era um grupo muito interessado e disposto na produção

textual. As atividades foram desenvolvidas entre os meses de abril e julho de 2024, abrangendo encontros presenciais, momentos de aula remota e recesso escolar. O planejamento foi articulado entre as áreas de Arte e Língua Portuguesa, respeitando a dinâmica do rodízio semanal vigente na escola durante o período de reforma.

Muitos ali carregam no corpo e no sobrenome as histórias de luta de suas famílias na formação do quilombo. Outros se surpreenderam ao descobrir, pela escuta e pela partilha, que o lugar onde vivem é também um campo de saber.

O convite para colaborar na escrita do livro *João Pessoa: A Cidade da Gente* chegou como uma travessia possível entre o mundo das telas e o mundo da terra. Um projeto que, ao propor a escrita sobre os patrimônios da cidade, oferecia aos nossos estudantes a chance de narrar o território a partir de si. Um gesto de resistência pela palavra. Um modo de permanecer habitando a escola por meio da escuta, da memória e da invenção.

Assim, com lápis, celular e caderno de anotações, os estudantes do 6º ano B se lançaram na tarefa de transformar o Rio do Padre em narrativa. Um rio que já era lenda, já era memória, mas agora também se tornou escrita.

Imagem 1. Turma do 6º ano B com as professoras na saída para a trilha.



Fonte: Acervo pessoal.

Conversas à beira do rio: pesquisa como ato de escuta

A primeira etapa do projeto foi organizada como uma aula de campo, com o objetivo de aproximar os estudantes do território quilombola e estimular o processo

investigativo a partir da escuta e da observação direta. Reunidos às 7h30 da manhã, alunos e professores iniciaram uma caminhada pela trilha que leva ao Rio do Padre, área de relevância histórica, cultural e ambiental para a comunidade.

No local, o grupo foi recebido por Dona Antônia, moradora do quilombo e lavadeira tradicional. Ela compartilhou com os alunos aspectos do seu trabalho, a importância simbólica do rio em sua vida cotidiana e as transformações ocorridas ao longo dos anos. O encontro possibilitou uma escuta sensível sobre o modo de vida da comunidade e serviu como ponto de partida para as futuras narrativas.

Após o momento às margens do rio, a turma retornou ao núcleo urbano do Quilombo de Paratibe, onde foi acolhida por Joseane Santos, liderança da comunidade. A palestrante abordou a história do território, destacando a luta pelo reconhecimento enquanto comunidade quilombola e os desafios enfrentados para a preservação da memória coletiva e dos direitos territoriais. Contou também sobre a origem do nome “Rio do Padre”, história narrada para ela quando criança e que segue contando para outras gerações de crianças da comunidade. Durante a fala, os alunos realizaram anotações que mais tarde serviriam como base para as etapas de sistematização textual.

Imagem 2. encontro com líder da comunidade quilombola.



Fonte: Acervo pessoal.

A manhã seguiu com um lanche coletivo, promovido com o apoio da comunidade, seguido por brincadeiras locais e entrevistas realizadas pelos alunos com moradores, com o intuito de ampliar o repertório de informações sobre o território. Ao final da atividade, o grupo retornou à escola com material coletado e a proposta de, nas semanas seguintes, transformar o conteúdo em textos autorais.

A aula de campo teve papel fundamental para fortalecer o vínculo entre os estudantes e o território. Além de contribuir com a formação de um olhar crítico e pertencente, proporcionou uma vivência significativa, em que a comunidade passou a ser reconhecida como fonte legítima de conhecimento.

Escrever para não esquecer: a criação de lendas

Após a realização da aula de campo, iniciamos a segunda etapa do projeto, voltada à sistematização e criação dos conteúdos textuais e visuais a partir das experiências vividas. O primeiro passo foi a organização das informações coletadas junto à comunidade. Os alunos foram orientados a realizar uma pesquisa complementar, em casa ou nos momentos online do rodízio escolar, com o objetivo de aprofundar aspectos históricos do Quilombo de Paratibe, como a origem do nome, datas de reconhecimento oficial e localização geográfica. As contribuições individuais foram levadas para sala de aula e discutidas coletivamente.

Em sala, os alunos visualizaram em tempo real a produção coletiva do texto, projetada no quadro, favorecendo a escuta e o diálogo entre os grupos. O processo valorizou a escuta, o diálogo entre os grupos. Essa dinâmica colaborativa favoreceu a apropriação dos conteúdos pelos estudantes. Também foi elaborada uma base de planejamento textual com tópicos e elementos essenciais para guiar a futura produção das lendas, como personagens, cenário, conflito, clímax, desfecho e elementos fantásticos.

No componente curricular de Arte, os estudantes foram convidados a representar graficamente os aspectos que mais chamaram sua atenção durante a visita ao território. Os desenhos, realizados em sala de aula, retrataram elementos simbólicos do quilombo, do rio e das falas colhidas nas entrevistas. A atividade teve como objetivo ampliar o processo de elaboração estética, favorecendo a articulação entre linguagem verbal e visual.

Para aprofundar a reflexão sobre a identidade quilombola, propusemos uma atividade de pesquisa em dicionários. A turma foi dividida em quatro grupos, cada um com acesso a diferentes fontes de consulta. Cada grupo identificou e analisou os

significados atribuídos ao termo “quilombo” e, em seguida, elegeu aquele que mais se aproximava da realidade vivida pelos estudantes. A versão escolhida foi incluída no texto coletivo, enriquecendo a construção conceitual com base na experiência dos próprios alunos.

Imagem 3. Pesquisa em grupos para produção textual.



Fonte: Acervo pessoal.

Para apoiar a compreensão sobre os elementos fantásticos presentes nas lendas, exibimos o filme *A Origem dos Guardiões* e discutimos suas características e sua relação com as produções que seriam elaboradas pelos estudantes.

Após o recesso escolar, retomamos o projeto com uma apresentação em PowerPoint que sistematizava todas as etapas desenvolvidas até o momento. A apresentação incluiu imagens, trechos de falas colhidas, conceitos e exemplos de lendas. Em seguida, os mesmos grupos de trabalho formados na atividade com os dicionários se reuniram para a produção das lendas autorais. Os textos foram construídos coletivamente e entregues ao final da atividade.

A etapa de escrita revelou-se como um momento de síntese pedagógica do projeto: as vivências se transformaram em narrativas, e os estudantes puderam perceber-se como autores de uma memória coletiva. O exercício de criar lendas inspiradas no Rio do Padre e no território quilombola possibilitou não apenas o fortalecimento da identidade local, mas também a valorização de saberes historicamente silenciados.

Os textos finalizados foram enviados para a equipe de organização do livro, assim como desenhos dos estudantes, fotos do processo e relatos das vivências, que

culminaram com o lançamento do livro no dia 4 de dezembro de 2024 com a presença dos estudantes envolvidos na sede da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

Imagem 4. Estudantes da escola no lançamento do livro.



Fonte: Acervo pessoal.

Cultura quilombola como saber fundante

Considera-se a escola como um dos espaços fundamentais na formação cultural e na construção da autonomia do sujeito. No sentido proposto por Charlot (2013), a educação deve articular a atividade intelectual com o prazer e o sentido pelo saber, entendendo que a relação com o conhecimento é também a relação de um sujeito com o mundo, como conjunto de significados, espaço de ação e experiência inscrita no tempo. Assim, a escola deixa de ser apenas reprodutora de conteúdos e passa a operar como mediadora de sentidos, conectando os saberes escolares às vivências concretas dos estudantes.

Esse reconhecimento do território como lugar de produção de conhecimento rompe com a lógica tradicional que desconsidera as experiências e narrativas periféricas como fontes legítimas de saber. Como defende Paulo Freire (2010), a educação libertadora não se faz com o depósito de conteúdos prontos, mas com o diálogo crítico e a escuta dos oprimidos, que também são sujeitos históricos e produtores de conhecimento. A prática pedagógica aqui apresentada caminha no sentido contrário: parte da realidade vivida pelos sujeitos para, a partir dela, construir aprendizagens significativas.

A cultura quilombola, enquanto herança ancestral de resistência, torna-se, nesse contexto, um saber fundante, isto é, um conhecimento que organiza o currículo de maneira transversal, dando sentido à escola e conectando os conteúdos escolares às práticas culturais e históricas da comunidade. As rodas de conversa, os relatos orais, os registros visuais e as produções textuais não apenas enriqueceram as competências linguísticas e artísticas dos estudantes, como também os conectaram com uma história que lhes pertence e que, muitas vezes, não está presente nos livros didáticos. No caso deste trabalho, a figura do padre é ressignificada como guardião da natureza e da comunidade, revelando como os(as) estudantes transformaram oralidades e memórias em mito protetor do território.

O projeto também revelou a potência da articulação interdisciplinar entre Arte e Língua Portuguesa no tratamento de temas ligados à identidade étnico-racial. Ao trabalhar com o conceito de lenda a partir de uma perspectiva local, os estudantes puderam ressignificar esse gênero textual, compreendendo-o não como algo distante ou puramente ficcional, mas como uma forma legítima de narrar o mundo e transmitir valores culturais.

Portanto, ao integrar o território ao currículo, o projeto reafirma o papel da escola como espaço de valorização da história, da cultura e das lutas dos povos tradicionais. Trata-se de uma prática pedagógica que não apenas ensina conteúdos, mas que forma sujeitos críticos, conscientes de sua trajetória e de seu lugar no mundo.

Imaginar como ato político: a educação que encanta e enraiza

A produção das lendas inspiradas no Rio do Padre e na história do Quilombo de Paratibe revelou a força do imaginário como ferramenta pedagógica. Ao criar narrativas baseadas em elementos da oralidade, da natureza e da experiência comunitária, os(as) estudantes transformaram memórias em enredo, vivências em ficção e pertencimento em linguagem. A imaginação, nesse processo, não foi um simples recurso criativo, mas um dispositivo político que permitiu que vozes antes invisibilizadas se afirmassem por meio da palavra.

Ao recontar e reinventar a lenda do Rio do Padre, os grupos de estudantes

produziram textos que evidenciam valores culturais como a preservação da natureza, o respeito à ancestralidade e a relação espiritual com o território. Em suas versões, o rio é habitado por entidades protetoras, lavadeiras são salvas por mãos misteriosas e o Quilombo é apresentado como espaço de acolhimento e resistência. Essas construções narrativas ressignificam a noção de patrimônio e posicionam o território como espaço sagrado e educativo.

Tal entendimento nos leva a compreender a escola e o território da comunidade de Paratibe como espaço sociocultural, que perpassa diversos saberes e práticas necessários para a relação entre a escola e o Quilombo, pois:

É lutando pela legitimação dos valores culturais do povo, que a escola poderá perceber toda a riqueza e complexa simbologia que o aluno traz. Sistematizar toda a essência estética da nossa cultura é fugir das armadilhas ideológicas do preconceito e do recalcamento (Gomes, 2005, p. 133).

Ao se verem como autores de uma lenda publicada, os alunos se reconheceram como produtores de cultura e agentes da própria história. O simples ato de nomear, descrever e narrar o lugar onde vivem foi, para muitos, uma experiência inédita de visibilidade e valorização.

A inserção do projeto em um contexto de ensino em rodízio, com alternância entre aulas presenciais e remotas, também destaca o potencial da imaginação como ferramenta de continuidade do vínculo pedagógico. Mesmo diante das limitações estruturais e dos desafios impostos pela reforma da escola, o trabalho com a lenda permitiu manter estudantes mobilizados, conectados com a proposta e comprometidos com o resultado final. Isso demonstra que, quando há intencionalidade pedagógica e diálogo com o território, é possível construir práticas potentes mesmo em contextos adversos.

Nesse sentido, imaginar torna-se um ato político: não apenas pela criação de novas narrativas, mas pela afirmação de sujeitos, pela reconstrução simbólica do espaço escolar e pela possibilidade de enxergar, no cotidiano, caminhos para uma educação mais justa, crítica e enraizada. Como afirma Hall (2006), a cultura é o lugar onde o sentido é constantemente negociado e onde os sujeitos constroem suas identidades. Ao criar narrativas sobre seu território e ancestralidade, os(as) estudantes reinventam a si

mesmos e fortalecem laços com a comunidade e com a escola. Ao criar narrativas sobre seu território e ancestralidade, os(as) estudantes reinventam a si mesmos e fortalecem laços com a comunidade e com a escola como espaço de pertencimento.

Considerações finais

A experiência desenvolvida com os(as) estudantes do 6º ano B da Escola Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado evidenciou o potencial transformador das práticas pedagógicas que integram território, memória e currículo. Em um contexto desafiador, marcado por reformas estruturais e ensino em rodízio, a prática pedagógica aqui apresentada caminha no sentido contrário: parte da realidade vivida pelos sujeitos para, a partir dela, construir aprendizagens significativas.

A proposta de escrever lendas a partir do Rio do Padre, ancorada em vivências reais e narrativas comunitárias, permitiu não apenas o fortalecimento de vínculos culturais e afetivos, mas também a ampliação do repertório linguístico e simbólico dos(as) estudantes. O território, aqui, não é pano de fundo, mas protagonista do processo de ensino-aprendizagem. A escola torna-se extensão da comunidade; e a comunidade, fonte viva de saber.

Iniciativas como essa reforçam a importância de um currículo que se constrói com os sujeitos, a partir de suas realidades, histórias e territórios. O ensino que parte da experiência vivida é também um ensino que cria raízes: promove a autoestima, desperta a consciência crítica e reafirma a escola como espaço de resistência e produção cultural. Escrever, aqui, é também um modo de existir, preservar e reimaginar o mundo. Que outras escolas se lancem, igualmente, na aventura de narrar seus territórios e, assim, reinventar os modos de ensinar e aprender.

Referências

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação. *In*: MUNANGA, Kabengele. (org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2. ed. Brasília: SECAD, 2005. p.143-154.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ZANON, Sibélia. (org). **João Pessoa: a cidade da gente**. São Paulo: Olhares, 2024. Disponível em:
<https://acidadedagente.com.br/wp-content/uploads/2024/11/joaopessoa.pdf>.

Sobre os Autores e Autoras

Amanda Omar. Doutoranda em Educação - PPGE/UFPB; Mestra em Arte - Prof Artes/ UFPB; Graduada em Educação artística com Habilitação em Artes Cênicas - UFPE; Professora de Arte na Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado.

Karla Souza. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa - Faculdade Metropolitana; Especialista em Gestão, supervisão e coordenação educacional - Faculdade Três Marias; Graduada em Letras Português - UFPB; Professora de Língua Portuguesa na Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado.